



A influência da Geração *Beat* para o Jornalismo Literário¹

Paulo Felipe Gonçalo MEDEIROS²

Raquel Sousa MAIA³

Nailson Silva de ALMEIDA⁴

Raynãa FERNANDES⁵

Avery VERÍSSIMO⁶

Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, RR

RESUMO

Com a intenção de buscar a origem do jornalismo literário e as suas influências, o seguinte trabalho aborda uma das revoluções literárias mais famosa da América, a *Beat Generation* (“Geração *Beat*”). Partindo do contexto histórico dos Estados Unidos da América pós-Guerra, habitado por rebeldes com causas (*beats* ou *beatnik*), a pesquisa vai apresentar autores percursores do movimento, diferenciar os termos *hippie* e *hipster*, fazer uma análise história das formas narrativas e poéticas que a geração *beat* deixou para os estilos jornalísticos: literário e reportagem. Bem como, explicar o processo evolutivo da narrativa *beat*: *New Journalism*, *Gonzo Journalism*; até chegar aos dias atuais com abordagens semelhantes em livros reportagens e publicações em revistas.

Palavras-chave: *Beat Generation*; *beats*; jornalismo literário.

1 GERAÇÃO *BEAT*⁷

Poetas, escritores, dramaturgos e boêmios americanos cansados da monotonia da América do Norte pós-guerra e inspirados pelo *jazz* (estilo afro-americano), drogas, sexo livre e liberdade para ir e vir no território americano (“pé na estrada” termo que se criou) realizaram uma revolução cultural através da literatura, a que posteriormente viria a se chamar *beat generation* (Geração *Beat*).

¹ Trabalho apresentado no IJ6 – Interfaces Comunicacionais do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, realizado de 28 a 30 de maio de 2015.

² Acadêmico do 8º semestre do Curso de Comunicação da Universidade Federal de Roraima. E-mail: pfgmedeiros@gmail.com

³ Acadêmico do 8º semestre do Curso de Comunicação da Universidade Federal de Roraima. E-mail: nailson.almeidarr@gmail.com

⁴ Acadêmica do 8º semestre do Curso de Comunicação da Universidade Federal de Roraima. E-mail: raquel.maia@ufrr.br

⁵ Acadêmica do 8º semestre do Curso de Comunicação da Universidade Federal de Roraima. E-mail: raynaaf@gmail.com

⁶ Orientador do Trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UFRR, E-mail: averyverissimo@gmail.com

⁷ Definição criada a partir da leitura das obras e análise cinematográfica dos livros.



Extasiados com o país e a população daquele período, buscavam reivindicar e criar uma nova consciência para a nação, que cada vez mais aderira ao modelo capitalista desenfreado. Insatisfeitos com essa cultura do consumismo, eles viam o sistema como algo destrutivo e contrário a igualdade social, como de fato é.

A Geração *Beat* por meio do comportamento dos seus membros é considerada por muitos como reprovável. O movimento também protestou contra o puritanismo e formalismo sufocante da geração de seus pais. Temas tabus, como liberdade sexual, o uso de drogas, entre outros, eram pouco difundidos naquela época e até as discussões francas que envolviam esses temas eram considerados pouco saudáveis. Em oposição a isso, os *beats* se expressavam livremente contando sua visão de mundo e suas histórias de viagens movidos a *jazz*, álcool, sexo livre e drogas.

Obviamente esse comportamento escandalizou a sociedade norte americana e a crítica veio de todos os lados. A comunidade acadêmica, por exemplo, ridicularizou o movimento, definindo-o como rebelde anti-intelectual e não refinado.

De acordo com Rahn (2011), os fundadores, por assim dizer, da Geração *Beat* se conheceram na Universidade de Columbia, no início da década de 1940. Jack Kerouac e Allen Ginsberg constituíam o núcleo inicial desse grupo, além de Lucien Carr, John Clellon Holmes, e Neal Cassidy, muito embora, tivessem pouca influência se comparados a Kerouac e Allen.

Além de expectativas literárias e a liberdade sobre seus poemas e histórias corridas que não seguiam ordem de pontuação e parágrafos, os *beats* faziam a narração de seus fatos com leves devaneios do que era realmente real. Atos que afrontavam a literatura romancista e o jornalismo praticado na época.

Com intensidade, no estilo narrativo, nos temas e nos personagens (muitas vezes alter egos). A escrita era compulsiva e acompanhava pensamentos desordenados. Gírias e palavrões eram empregados sem medo. Como toda boa revolução, era necessário lemas, e os que moviam os *beatniks* era: liberdade, respeito e igualdade. Assim então, se pode definir o movimento dos anos cinquenta que revolucionou a literatura e o jornalismo.

1.1 BEAT

Entre os estudiosos da chamada Geração *Beat*, Claudio Willer, é sem dúvida, um destaque. Em seu livro, *Geração beat*, Willer explica que o termo *Beat* originou-se a partir de



uma conversa entre Jack Kerouac e John Clellon Holmes no final da década de 1940, em que Kerouac definia a sua geração e seus companheiros como *The Beat Generation*, em oposição a *Lost Generation* (Perdidos na Geração). No entanto, o termo é de origem controversa, tanto que segundo Willer, “beat” também é a batida rítmica do *jazz* ou pode ser associada à beatitude.

Kerouac disse: “Ah, isso não passa de uma geração *beat*”. Falavam sobre ser ou não uma “geração encontrada” (como Kerouac às vezes a denominava), uma “geração angélica”, ou qualquer outro epíteto. Mas Kerouac descartou a questão e disse “geração *beat*” – não para nomear a geração, mas para desnomeá-la (WILLER, 2009, p. 07).

Assim, o autor abre caminhos para a interpretação do significado da palavra “beat”, sem no entanto, afirmar algo correto. O próprio Keroauc diz que a intenção não era ser algo e sim não ser.

Brandão e Duarte (1990) no livro “Movimentos Culturais de Juventude”, definiram o termo *beat* como sendo “um pequeno grupo de jovens universitários que, através de um movimento literário, tentavam oferecer um estilo de vida alternativo ao mundo materialista da sociedade norte-americana”. A definição em questão, nos parece limitada, uma vez que parte dos membros da *beat* não era composta por universitários intelectuais (p.26). No entanto, o autor sugere ainda que o termo poderia ter várias conotações como estilo de vida boêmio, ausência de normas pré-estabelecidas, ou ainda a busca pela purificação do espírito (beatitude), por meio de religiões de origem oriental.

2 PRINCIPAIS AUTORES⁸

2.1 JACK KEROUAC

Jack Kerouac, o pai para os seguidores e o ícone para os apreciadores redigiu em três semanas o que viria se tornar a “Bíblia da Geração *Beat*”, o livro *On the road* (Pé na Estrada). Kerouac inaugura sua forma de narrar os fatos em *On the road*, contando o trajeto de Sal Paradise, seu alter ego e o seu amigo Dean Moriarty, feito pela América na lendária Rota 66 até a chegada ao México.

Sua história é contada com muita ação, suave lirismo, velocidade em quatro rodas, um toque de poesia e muita loucura embalada por *jazz*, álcool, sexo e drogas. Vivendo um dia

⁸

Análise feita conforme leitura das obras dos autores e citação.



de cada e livre do sistema capitalista imposto pelos Estados Unidos da América, narra suas experiências com devaneios e um anseio pela vida.

Sal na narração de Keroauc, fala de si como um antagonista da sua “própria” história. Mas talvez a história não fosse mesmo dele, e sim deles. Em *On the road*, na tradução de Bueno (2004)⁹, Sal refere-se a seus amigos como pessoas mais interessantes que lhe estimulavam a viver:

(...) eles dançavam pelas ruas como piões frenéticos e eu me arrastava na mesma direção como tenho feito toda a minha vida, sempre rastejando atrás de pessoas que me interessam, porque, para mim, pessoas mesmo são os loucos, os que estão loucos para viver, loucos por falar, loucos pra serem salvos, que querem tudo ao mesmo tempo agora, aqueles que nunca bocejam e jamais falam chavões, mas queimam, queimam, queimam como fabulosos fogos de artifício explodindo como constelações em cujo centro fervilhante – pop! – pode se ver um brilho azul e intenso até que todos “aaaaaaah!” (KEROUAC, 2004, p. 25).

Escrito em 1951, porém publicado somente em 1957, a obra semanal do movimento literário e artístico, desencadeou uma revolução de costumes na história contemporânea. Foram seis anos para ser publicada a primeira obra Beat. O motivo? A censura. O mundo não estava preparado. Muito menos para receber de braços abertos um grupo de jovens que queriam mudar os padrões e sair do comodismo. Ou talvez, estivesse.

2.2 ALLEN GINSBERG

Poeta, rebelde, inconformista, homossexual assumido, pacifista. Junto com Kerouac, Burroughs e outros foram os precursores do movimento *beat*. Influenciou significativamente movimentos revolucionários juvenis dos anos 1960 e 1970. O Uivo (1955, publicado em 1956 e censurado em 1957) uma das suas obras mais conhecidas, colaborou juntamente com *On the road* para a *beat generation*.

Allen também foi conhecido pelos seus poemas no desejo de uma América melhor. Esse desejo que fez mudar as características da poesia tradicional norte-americana. Se Jack possibilitou as gerações futuras arriscarem numa escrita que afrontava os padrões romancistas e jornalísticos, Allen fez o mesmo na poesia:

UMA PROFECIA

⁹ Jornalista brasileiro que traduziu *On the road* em 2004.



Ó bardos do Futuro
Cantai do crânio ao coração ao cu
Enquanto houver linguagem
Vocalizai todos os acordes
Eletrizai todas as consciências
Eu canto da masmorra mental
No Estado de Nova Iorque
(...) (GINSBERG, p. 91)

2.3 WILLIAM BURROUGHS

Amigo de Jack e Allen, era considerado o “fora da lei da literatura”. Viciado em diversas drogas, William Burroughs assassinou a própria mulher durante uma brincadeira, na qual tentava atirar em uma maçã sobre a cabeça dela com uma arma de fogo.

“*Naked Lunch*” (Almoço Nu) foi publicado em 1959. A obra foi escrita com cartas escritas para um médico e pesquisador contando suas experiências com as drogas. O livro foi proibido nos EUA. Após a publicação, tornou-se obra importante para a literatura. Intelectual, foi uma figura muito importante para o movimento de contracultura da década seguinte.

3 HIPPIE E HIPSTER: DIFERENÇAS E SEMELHANÇAS

Nos anos 40, o termo *hipster* era usado para definir os apreciadores de *jazz* afro-americano. Mas, na década de 50, o escritor americano Norman Mailer, em seu ensaio “*The White Negro*” (“O negro branco”), muda completamente a representação dos hipsters ao defini-los como o branco da classe média que saía da zona de conforto para frequentar clubes de *jazz*, os quais, geral eram apreciados por negros. Durante todo o final dos anos 60 e 80, a cultura *hipster* era pouco difundida, até que, em 1994, o movimento volta aparecer na capa da revista *Time* (a matéria de capa dizia “*If Everyone Is Hip... Is Anyone Hip?*” (Se todos são *hipsters*... então alguém é *hipster*?)). Nesse mesmo período o termo se torna mais positivo, deixando de ser relacionado ao que é ilícito.

No Brasil, Pereira (1985), em “O que é contracultura”, também escreveu sobre o movimento *hipster*. Citando o ensaio de Norman Mailer, o autor classifica os *hipsters* como aqueles que se opõem aos *square*, isto é o modo de vida norte americano.

Ao contrário do *square*, conformista e fiel defensor do *american way of life*, o *hipster* é aquele que se rebela contra aquela situação. Diante da falência da revolução proletária nestas sociedades industriais avançadas, ele é aquele



que se revolta e nega violentamente os valores estabelecidos. Na sociedade americana, ele pode ser definido como um “negro branco” (*o white negro Mailer*), exatamente porque nesta sociedade os negros são aquele grupo que, por sua posição marginalizada, se vê obrigado a manter sempre uma atitude de rebelião (PEREIRA, 1985, p. 35).

Assim como os *hipsters*, um outro grupo de pessoas decidiram protestar contra o modo de vida “certinho” da sociedade norte americana. Em um universo “paz e amor” os *hippies* contestaram os valores que seus pais acreditavam e os ideais da sociedade daquela época.

Os *hippies*, diferente do *hipsters*, tinham uma filosofia orientada por mestres espirituais, cultuavam a natureza, viviam em comunidades, usavam cabelos cumpridos, roupas psicodélicas e lutavam pacificamente pela harmonia entre as pessoas, inclusive pregando a inexistência de nações ou fronteiras separando os países. Os *hippies* eram também contra punições e a favor da busca pelo prazer, fosse pela espiritualidade ou pelas drogas. Um de seus lemas mais conhecidos era “*Peace and Love*” (Paz e Amor), um dos mais difundidos da cultura *hippie* em todo o mundo.

Contudo, a origem do nome *hippie* é controversa, pode ser derivada de *hip* (quadril), em referência às blusas que usavam amarradas na cintura, ou da palavra *happy*, que significa feliz. Há ainda quem acredite que o termo é derivado da palavra *hipster*.

4 SURGIMENTO DE NOVAS FORMAS DE ESCRITA JORNALÍSTICA PÓS MOVIMENTO *BEAT*

É nos anos 50, com toda essa rebeldia da *beat generation* demonstradas nas atitudes e na forma escrita dos intelectuais desse movimento, que podemos encontrar os primeiros passos para um *New Journalism* (Novo Jornalismo) e um jornalismo literário que se concretiza anos seguintes.

Em 1963, segundo Maffi (1975, apud FERREIRA, 2003, p.17) cria-se o termo *underground* para as formas de cultura e para jornais e revistas que identificavam uma nova sensibilidade e seus produtos culturais e sociais nascida nos anos cinquenta e convertida na década seguinte.

A matriz cultural e política dos círculos *underground* representa tendências revolucionárias que surgiram na *beat generation*. Pois “os anos cinquenta foram os de



desconforto e mal-estar, e os *beats* foram as antenas sensíveis que perceberam essa realidade”. (MAFFI apud FERREIRA, 2003, p.17).

Após todas essas manifestações contra a cultura, é na década de 1960 que nasce uma nova forma de escrita exposta primeiramente pela geração *beat* e aderida pela insatisfação dos jornalistas em seguir os padrões de escrita impostos, passam a criar com as influências de Jack e outros, o jornalismo literário na forma de *new journalism e gonzo*, que “tenta resolver esse impasse ao burlar a preocupação com o estilo fixo e prender-se à expressão e comentário de fatos e experiências mediados por um autor especializado nos universos desses aparatos e técnicas” (ALMEIDA, 2011, p.10).

O que passou a se discutir foi a produção neo-realista na literatura e no jornalismo. “A nova proposta inclui isso e mais alguma coisa, mostrando que, para além da fidelidade ao real o jornalismo constrói efeitos de real” (cf. SODRÉ, 2009, p.25 apud ALMEIDA, 2011, P.17).

Após essa revolução cultural e econômica, misturada com a insatisfação e frustração dos jornalistas que sonhavam em ser romancistas, a geração *beat* deixa suas influências para o futuro e uma década depois (1960) faz surgir dois novos tipos de escrita neo-realistas: o *New Journalism* e o *Gonzo Journalism*.

4.1 NEW JOURNALISM

Nova forma que surgiu pós-geração *beat* (anos 1960) e que tem como precursores Tom Wolfe, Gay Telese, Truman Capote e Norman Mailer influenciados pelos *beats* William S. Burroughs e Charles Bukowski.

O que vai proporcionar o advento do Novo Jornalismo contemporâneo na década de 1960, nos Estados Unidos, é a insatisfação de muitos profissionais da imprensa com regras de objetividade do texto jornalístico, expressas na famosa figura do *lead*, uma prisão narrativa que recomenda começar a matéria respondendo às perguntas do leitor (PENA, 2008, p.53).

Era fugindo da padronização do *lead* que o *new journalism* era então um “romance de não-ficção”. O próprio Capote defendia que teria criado um novo gênero literário. (WOLFE, 2005, p. 46). O que ocorreu foi que a literatura *beat* e o romance não-ficção se misturaram e formaram o *new journalism*. A forma como o texto era escrito era



definido pelo escritor, por onde achasse mais interessantes. Fazer parte da história para poder conhecer e assim, fazer a análise do ambiente também eram características da narração.

Wolfe procurava um tipo de jornalismo que deixasse o romance americano para trás, humilhado em sua arrogância, e se transformasse na vanguarda literária nos anos 60. Acima de tudo queria manter o leitor acordado (2005, p.240).

Das características deixadas pela geração *beat*, Wolfe com o novo jornalismo “faz um texto radical na experimentação literária. Mistura os pontos de vista, todo mundo fala ao mesmo tempo, libera a pontuação de convenções caretas e manda a organicidade jornalística para as cucuias” (2005, p. 242). O novo jornalismo pode ser chamado dentro dos padrões que conhecemos como o precursor de livros-reportagem. Os nacionais: O Abusado, Rota 66 e Estação Carandiru.

Segundo Wolfe (2005), Barcellos no livro *Abusado* em que relata o tráfico no Morro Santa Marta, intercala narrativa com relatos, deixando o texto “às vezes romanceado, às vezes mais jornalístico, às vezes mais ensaísta” (p.208)

4.2 GONZO JORNALISM

O *Gonzo Journalism* surgiu com fortes características dos textos bibliográficos do *beatniks*. Com uma narrativa rápida. Com detalhes minuciosos, considerados por críticos desnecessários e bobos.

Hunter S. Thompson, que também fez parte do *New Journalism* é o percurso do *Gonzo*. Os estilos narrativos já chegaram a ser confundidos. Semelhança frequente nos dois estilos é o detalhamento de coisas que para outro escritor ou jornalística passariam como desnecessárias para a construção do texto.

Em suas conclusões, Wolfe (2005) explica que o *new journalism* é escrito por aqueles que entram na história. “Mergulham nas comunidades e grupos específicos, convivem com os mesmos e obtendo informações sobre disfarce” (p.375).

O jornalismo gonzo surge dentro do *new journalism* com relatos neo-realistas autobiográficos em ritmo poético. O jornalista é o personagem da sua própria matéria que é escrita da forma que lhe melhor convém.



Ao ser contratado pela revista Rolling Stone, Hunter publica pela editora a sua obra precursora do gonzo: Medo e Delírio em Las Vegas - uma jornada selvagem ao coração do sonho americano. Na obra o jornalista narra sua viagem no mesmo estilo a lá *beats*.

Se há quem defenda e pratique o jornalismo gonzo, existe também quem critique a prática de reportagem. Pena (2006, p.56) diz que o gonzo é um estilo de reportagem com descrição de ações que não medem consequências.

Hunter, afirmando precisar existir uma experimentação do que se escreve, se defende como a única maneira para retratar fielmente a cena. Atualmente o estilo desenfreado do gonzo é praticado na Revista Rolling Stone e relembra muito a forma narrativa da geração *beat*.

5 HERDEIRAS DO NEW JORNALISM E GONZO JORNALISM: PIAUÍ E ROLLING STONE

A revista Piauí tem uma linguagem diferente de outras revistas brasileiras. É caracterizada pelo bom humor e pela sua maneira de narrar os fatos de forma criativa. Os artigos, contos, poemas, ilustrações e reportagem inovam a captura da realidade nacional. Lançada em julho de 2006, na feira literária Internacional de Parati, não há reuniões de pauta, as sugestões da mesma acontecem informalmente não possuem editoriais.

Influenciado pelas narrativas ficcionais da literatura dos Estados Unidos e Inglaterra no Brasil é conhecido como jornalismo literário, que procura contar de ampla e contextualizada. As histórias são contadas de forma diferente sem seguir uma estrutura com *lead*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos neste trabalho, a Geração *Beat* foi o ponta pé inicial para uma série de revoluções décadas seguintes, como o movimento *hippie* e o de contracultura. Tais rebeliões não mudaram só a estrutura política e econômica, mas também a forma de pensar, a literatura e o jornalismo. Esses resultados podem ser observados de forma clara com a presente pesquisa que fizemos, na qual foi possível compreender a origem de livros como A Sangue Frio de Truman Capote, e os nacionais de Caco Barcellos: Rota 66 e O Abusado; e do médico Dráuzio Varella: Estação Carandiru. Obras que apresentam características da narrativa *beat*, do *new journalism* e do *gonzo*.



Uma geração que estava à frente até dos dias atuais. Uma liberdade vital nunca vista. Uma forma de escrita corrida, vistas pela janela de trens, sem tantas regras. Participação da história usando tudo que faz parte dela. Falar palavras nunca citadas em poesias e livros. Ir de frente com o comodismo. Foi com essas características que os *beats* contribuíram para quebrar a resistência aos padrões. Ao longo dos anos, todas as outras formas de escritas foram só a sequência desse movimento literário.

Hoje podemos identificar ainda mais evoluído o gonzo e o *new* em revistas como *Rolling Stone* e Piauí. Que narram os textos de onde menos se espera, são detalhistas e livres para se expressarem e prender o leitor na narrativa louca e por críticos vista como boba.

O que é preciso entender historicamente falando: a geração *beat* mudou meio século de escrita. E proporcionou existir estilos diferentes, mas nem por isso pior dos que já existiam. O jornalismo Literário é a busca pela contextualização e compreensão da realidade.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Simão Farias. **Livro – reportagem: história, teoria e prática**. João Pessoa; Ideia, 2011.
- BRANSÃO, Antonio Carlos; DUARTE, Milton Fernandes. **Movimentos Culturais de Juventude**. São Paulo; Moderna, 1990.
- FERREIRA, Carlos Rogé. **Literatura e Jornalismo, Práticas Políticas**. São Paulo; Edusp, 2003.
- GINSBERG, Allen. **A Queda da América**. Porto Alegre; L&PM. [S.d].
- KEROUAC, Jack. **On the road (Pé na Estrada)**. Tradução, introdução e posfácio: BUENO, Eduardo. Porto Alegre; L&PM, 2004.
- KEROUAC, Jack. **Os Subterrâneos**. Tradução de BRITTO, Henrique. Porto Alegre; L&PM, 2007.
- KEROUAC, Jack. **Viajante Solitário**. Tradução de BUENO, Eduardo. Porto Alegre; L&PM, 2006.
- PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2008.
- PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. **O que é contracultura**. São Paulo; Brasiliense S.A. , 1985.
- WOLFE, Tom. **Radical Chique e o Novo Jornalismo**. São Paulo; Companhia das Letras, 2005.
- RAHN, Josh. "*The Beat Generation*". 2011. Disponível em <http://www.online-literature.com/periods/beat.php>. Acesso em: 22 de agosto de 2013.
- SALLES. Walter. Filme **On The Road (Pé na Estrada)**. 2012.